

Intenção de Investimento 2011

DECOMTEC

Área de Competitividade

Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2011 Análise Setorial

Equipe Técnica

Junho de 2011



PRESIDENTE

Paulo Skaf

Departamento de Competitividade e Tecnologia (DECOMTEC)**DIRETOR TITULAR**

José Ricardo Roriz Coelho

DIRETOR TITULAR ADJUNTO

Pierangelo Rossetti

DIRETORIA

Airton Caetano
Almir Daier Abdalla
André Luis Romi
Carlos William de Macedo Ferreira
Cássio Jordão Motta Vecchiatti
Christina Veronika Stein
Cláudio Grineberg
Cláudio José de Góes
Cláudio Sidnei Moura
Cristiano Veneri Freitas Miano (Representante do CJE)
Denis Perez Martins
Dimas de Melo Pimenta III
Donizete Duarte da Silva
Eduardo Berkovitz Ferreira
Eduardo Camillo Pachikoski
Elias Miguel Haddad
Eustáquio de Freitas Guimarães
Fernando Bueno
Francisco Florindo Sanz Esteban
Francisco Xavier Lopes Zapata
Jayme Marques Filho
João Luiz Fedricci
Jorge Eduardo Suplicy Funaro
Lino Goss Neto
Luiz Carlos Tripodo
Manoel Canosa Miguez
Marcelo Gebara Stephano (Representante do CJE)
Marcelo José Medela
Mario William Esper
Nelson Luis de Carvalho Freire
Newton Cyrano Scartezini
Octaviano Raymundo Carmargo Silva
Olívio Manuel de Souza Ávila
Rafael Cervone Netto
Robert William Velásquez Salvador (Representante do CJE)
Roberto Musto
Ronaldo da Rocha
Stefano de Angelis
Walter Bartels

EQUIPE TÉCNICA**GERENTE**

Renato Corona Fernandes

EQUIPE TÉCNICA

Adriano Giacomini Moraes
Albino Fernando Colantuono
André Kalup Vasconcelos
Célia Regina Murad
Daniela Carla Decaro Schettini
Egídio Zardo Junior
Fernando Momesso Pelai
Guilherme Riccioppo Magacho
José Leandro de Resende Fernandes
Juliana de Souza
Paulo Sergio Pereira da Rocha
Pedro Guerra Duval Kobler Corrêa
Roberta Cristina Possmai
Silas Lozano Paz

ESTAGIÁRIOS

Gabriel Di Napoli Pastore
Mazda Zarif

APOIO

Maria Cristina Bhering Monteiro Flores
Mauricio Oliveira Medeiros

Sumário Executivo

A conjuntura econômica encontra-se bastante desfavorável para realização de investimentos em 2011. Conforme foi analisado na *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2011 – Análise Geral*, diante da elevação dos juros e da valorização cambial, o investimento em 2011 da indústria de transformação deve se retrair 4,7%, sendo que seu principal componente, as inversões em máquinas e equipamentos, devem se retrair 7,3%.

Essas variáveis que foram determinantes para a indústria de transformação como um todo, entretanto, afetam diferentemente os setores, uma vez que alguns dependem mais da demanda interna, alguns são baseados em recursos naturais, alguns investem mais tecnologia, etc. Assim, uma análise setorial é necessária para se avaliar a intenção de investimento, as estratégias, o destino e as fontes de financiamento para realização de investimentos. Nesse sentido, pode-se destacar os seguintes pontos:

Cenário econômico e intenção de investimento

- A tendência geral dos setores deve ser a de redução do investimento, independente do porte e da participação do setor na economia.
- Há, entretanto, setores que reduzirão mais intensamente o investimento, como o Alimentício, Químico, de Máquinas e equipamentos e Couro e calçados, e setores que ampliarão seus investimentos, como Papel e celulose, Açúcar e Alcool e Móveis.
- **Parte importante da redução dos investimentos se explica pela maior penetração de produtos importados na economia**, como é o caso principalmente de setores como o Químico, de Máquinas e equipamentos e Couro e calçados.
- Por outro lado, **nos setores em que há vantagens naturais e baixa penetração dos importados, o investimento deve se expandir em 2011**, como é o caso de Açúcar e álcool e Papel e celulose e de Móveis.

Destino dos investimentos e origem dos recursos

- Os investimentos em máquinas e equipamentos destacam-se pela **concentração nos setores de Veículos, Alimentos e bebidas e Metalurgia**, os quais devem representar 50% das inversões da indústria.
- Os investimentos em gestão e P&D, por sua vez, devem se reduzir em 2011. Os setores de Produtos químicos e de Veículos, que estão entre os que mais investem em P&D, por exemplo, reduzirão seus investimentos nessa área, assim como muitos outros setores. Já em gestão, a menor redução será dos setores de Madeira e Açúcar e Alcool.
- Finalmente, **os investimentos em inovação são os únicos que devem se expandir em 2011, diante da busca pela eficiência produtiva por meio da melhoria de processos**. Destacam-se aí os setores de Alimentos e bebidas e de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos.
- Há setores que dependem muito dos recursos públicos para investir, como Açúcar e álcool e Alimentos e bebidas, além de Móveis, Edição e impressão e Minerais não metálicos. Estes últimos, porém, **diante da dificuldade de acesso em função da predominância de PMEs, para investirem mais, necessitam que sejam desburocratizadas e ampliadas linhas como da FINEP e BNDES**.

Estratégias

- As estratégias predominantes em 2011 serão as defensivas com foco na inovação voltada para melhoria de processos. **O objetivo dos investimentos será, para quase todos os setores, a eficiência produtiva e não a expansão de mercado, como em 2010**.
- Exceção deve ser feita aos setores de Papel e celulose, Açúcar e Alcool e Móveis, que, se aproveitando de vantagens naturais e da baixa penetração de importados, devem investir na expansão de mercado.
- Além da carga e dos juros, que são apontados como principais limitantes na economia, destaca-se também, para maior parte dos setores, a entrada de importados. Assim, para quase todos os setores, **menores juros, carga e câmbio menos valorizado são essenciais para retomada do investimento**.

Sumário

Apresentação	6
1. Cenário econômico e evolução do investimento	7
1.1. Mudanças no cenário econômico	7
1.2. Concentração dos Investimentos.....	8
2. Estrutura dos investimentos	11
2.1. Destino dos Recursos.....	11
2.1.1. Máquinas e Equipamentos.....	11
2.1.2. Gestão.....	12
2.1.3. Inovação.....	13
2.1.4. Pesquisa e Desenvolvimento	14
2.2. Origem dos Recursos	15
3. Estratégias	18
3.1. Eficiência Produtiva X Aumento de Mercado.....	19
3.2. Modernização da Produção X Aumento da Capacidade	21
3.3. Inovações e Melhorias: Produto X Processo	22
3.4. Estratégias dos setores	24
3.5. Limitantes ao investimento	25
Anexos	27

Apresentação

A Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2011 – Análise Geral demonstrou que a indústria de transformação deve reduzir seus investimentos em máquinas, equipamentos, inovação, gestão e P&D em 4,7% entre 2010 e 2011, o que evidencia os impactos negativos sobre a economia dos aumentos da taxa de juros SELIC, da excessiva valorização cambial e da elevada carga tributária, os quais, cada um a sua maneira, desestimulam o investimento.

A pesquisa verificou também que as empresas devem apresentar estratégias mais defensivas em 2011, voltando-se para a eficiência produtiva em detrimento da expansão. Isso decorre, conforme apontaram os empresários, de uma menor demanda pelos produtos nacionais e de uma maior pressão dos produtos importados sobre o custo de produção no país, que não é isonômico, pois as empresas nacionais, além de pagarem mais tributos, se defrontam com restrições ao crédito e infraestrutura inadequada.

A despeito dessas perspectivas da indústria de transformação, uma análise setorial permite verificar que há importantes diferenças na intenção de investimento e nas estratégias empresariais, a depender da estrutura de demanda e da estrutura de mercado de cada setor. Como os setores se defrontam com maior ou menor pressão dos importados, tem escala de produção poder de mercado distintos e apresentam diferentes restrições internas, as perspectivas para 2011 e, portanto, a intenção de investimento se difere substancialmente.

Diante disso, o presente relatório buscará analisar as perspectivas dos setores passado o período de retomada econômica pós-crise, enfatizando como cada um deve reagir às novas restrições e, com base nisso, o relatório buscará avaliar as estratégias de investimento em cada uma das distintas atividades econômicas.

Assim como na análise geral, a análise setorial tomará como base a pesquisa realizada pela FIESP em conjunto com a H2R, que foi realizada junto a 1.220 empresas. As empresas foram divididas em setores de atividade econômica de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) do IBGE para facilitar comparações e posteriores análises.

1. Cenário econômico e evolução do investimento

1.1. Mudanças no cenário econômico

Durante o ano de 2010, passados os efeitos da crise financeira internacional, a economia brasileira apresentou-se em expansão. Isso criou um ambiente favorável a realização de investimentos visando o aumento da capacidade produtiva, pois a demanda pelos produtos industriais era crescente.

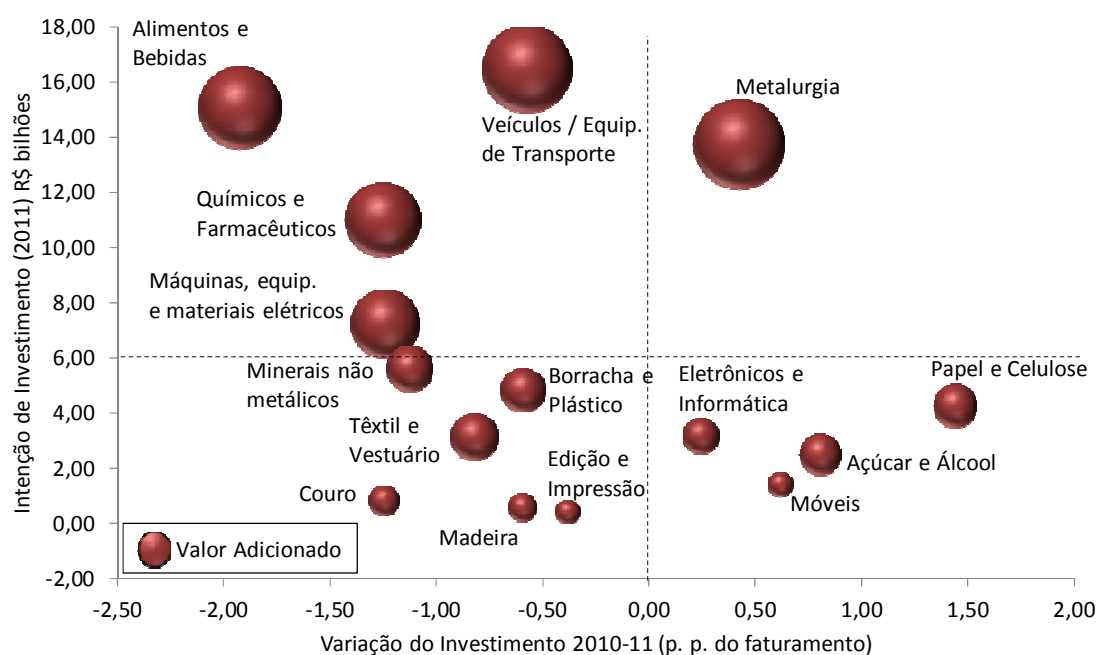
Os efeitos do crescimento da economia brasileira sobre o setor industrial, no entanto, criaram uma condição contraditória: como a demanda nos países desenvolvidos continuou depreciada, o principal mercado para os produtos industriais no mundo passou a ser os países emergentes, como é o caso do Brasil. Ademais, como os investimentos nos países centrais perderam rentabilidade e o Brasil apresentava, além de um mercado financeiro estável, juros elevados, este país passou a ser um dos principais destinos do capital financeiro internacional.

A indústria brasileira se viu, então, já no final de 2010, ameaçada pelos produtores estrangeiros que precisavam escoar sua produção, ao mesmo tempo em que a entrada de capitais serviu à valorização do real, o que intensificou ainda mais a perda de competitividade dos produtos brasileiros.

Com exceção de alguns setores, a indústria brasileira, então, se encontrava em uma situação bastante perversa, na qual sua expansão (e, portanto, sua maior capacidade de gerar emprego e renda) criou as condições para sua própria crise, diante do aumento da penetração de produtos importados.

Conforme pode se verificar no gráfico abaixo, a tendência geral deve ser a da redução da taxa de investimento em relação ao faturamento (eixo horizontal). Isso é uma característica tanto dos setores de maior porte e que pretendem investir mais (eixo vertical), a exemplo de Alimentos e bebidas, Químicos e farmacêuticos e Máquinas, equipamentos e material elétrico, quanto em setores menores e que investem menos, como Couro e Minerais não metálicos.

Gráfico 1 – Variação do investimento (2010-11) e Intenção de Investimento



Fonte: Pesquisa H2R-FIESP;
Elaboração: Decotec/FIESP

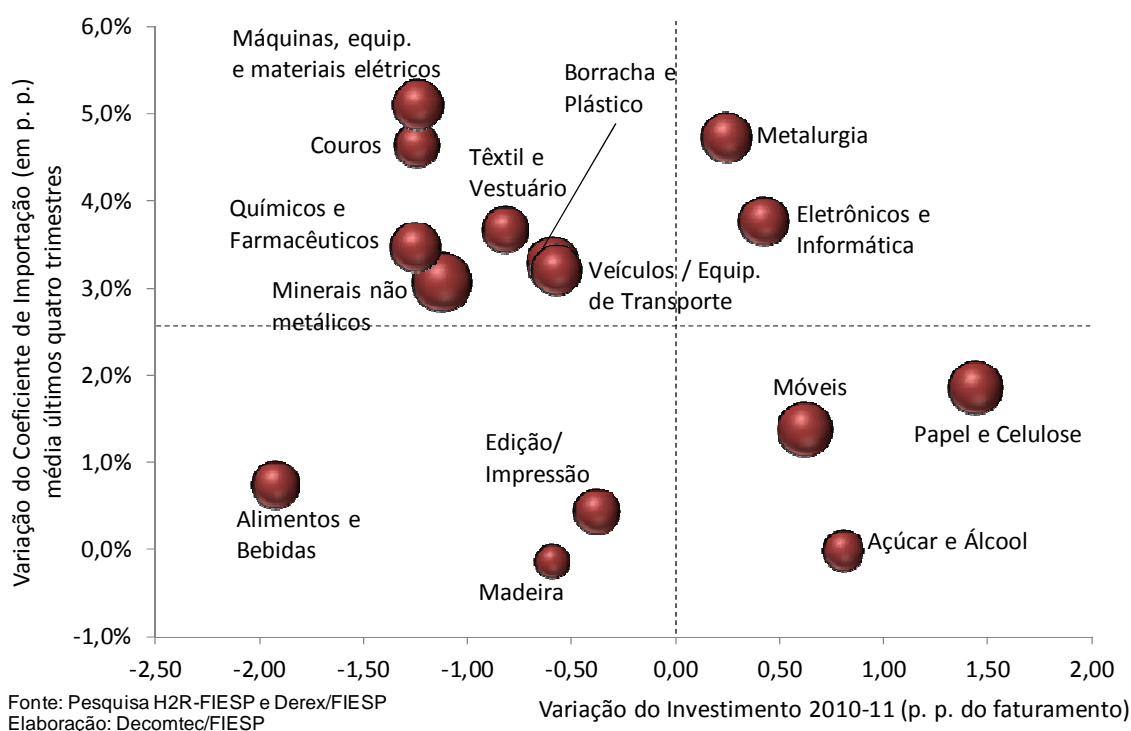
1.2. Importados e redução do investimento

O aumento da penetração de produtos importados no mercado nacional é uma realidade para a indústria como um todo. De acordo com dados do Coeficiente de Importação, da FIESP, se em 2003 as importações eram responsáveis por 12,5% do consumo aparente, em 2010 essa parcela quase dobrou, se expandindo para 21,8%.

Há, entretanto, setores que aparecem em situações piores devido a maior vulnerabilidade externa, como é o caso dos setores de Couros e calçados, cuja penetração de importados triplicou nesses sete anos, e de Máquinas e equipamentos que, dependendo do ramo a penetração dos importados atingiu quase 50% do consumo doméstico.

Por outro lado, setores que contam com vantagens naturais do território brasileiro e que realizaram importantes investimentos em inovação e tecnologia, como é o caso do setor de Açúcar e álcool ou Papel e celulose, acabaram por apresentar menor expansão de penetração de importados, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Coeficiente de importação e variação do investimento (2010-11)



Entre os quatro setores que mais apresentaram redução no investimento em p. p. no faturamento (Alimentício, Químico, Máquinas e equipamentos e Couro), apenas o setor de Alimento e bebidas apresentou baixo aumento da penetração de produtos importados (0,8 p. p. entre nos últimos quatro trimestres) e um baixo coeficiente de penetração (6,1%). Este setor, porém, esteve entre os que mais investiram no ciclo de crescimento 2004 e 2008 e, conforme analisado na *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2010 – Análise Setorial*, havia investido acima da média no ano passado.

Assim, excetuando-se esse setor, verifica-se que a elevada e crescente penetração dos importados é determinante para a baixa intenção de baixo investimento em 2011. No setor de Couro e calçados, por exemplo, a penetração dos importados atingiu 28,2% em 2010, no setor de Máquinas e equipamentos, o coeficiente de penetração ficou entre 33 e 48%, dependendo do ramo, e, finalmente, no setor Químico, a penetração dos importados atingiu 29,6% e no farmacêutico 30,7%, conforme dados do Coeficiente de Importação, da FIESP.

Não por acaso, os setores de Papel e celulose, Açúcar e álcool e mobiliário são, simultaneamente, os que mais devem ampliar seus investimentos em 2011, destoando da tendência geral da indústria, e os que apresentam menores coeficientes de importação. No setor de Móveis, por exemplo, os importados representaram apenas 2,3% do consumo e no setor de Papel e celulose eles representaram 10,7% do consumo em 2010.

O setor de Componentes eletrônicos e informática, apesar de ser um dos setores em que os importados representam a maior parcela do consumo e que mais se expandiram nos últimos quatro trimestres, deverá ampliar seu investimento em 2011 em relação ao investido em 2010. Isso se deve ao fato do setor apresentar uma elevada participação de importados nas peças e componentes, o que tem levado o setor a investir bastante na montagem de produtos no país.

Finalmente, exceção deve ser feita também aos setores de Edição e impressão e Metalurgia. O primeiro, apesar de não ter grande concorrência com os importados, depende muito da demanda doméstica, que em 2011 deve se retrair diante das políticas monetária e fiscal restritivas. O setor metalúrgico, por sua vez, é representado tanto pela metalurgia básica, que se apresenta em expansão, se aproveitando da abundância de recursos naturais, mas também é representado pelos produtores de artefatos de metal, que tem sofrido elevada concorrência com os importados, o que os coloca em condições desfavoráveis.

2. Estrutura dos investimentos

2.1. Destino dos Recursos

Além das diferenças entre o montante que os setores pretendem investir, a análise setorial dos investimentos apresenta também especificidades nos seus diferentes destinos, a saber: máquinas e equipamentos, gestão, inovação ou pesquisa e desenvolvimento.

Enquanto alguns setores como Couros, Químicos e farmacêuticos e Edição e impressão devem investir menos em máquinas e equipamentos, se comparado aos demais setores, realizando mais investimentos em gestão e inovação ou, como no caso de químicos, em P&D, outros setores, como Açúcar e álcool, Madeira e Minerais não metálicos devem investir bastante em maquinário e muito pouco em P&D, conforme será analisado:

2.1.1. Máquinas e Equipamentos

O investimento em Máquinas e Equipamentos é o principal destino das inversões da indústria independente do setor que a empresa atua. De acordo com a *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento 2011 – Análise Geral*, os investimentos em máquinas e equipamentos representarão 73% do total investido neste ano. Para alguns setores, entretanto, como Couros e Químicos, esse investimento tem uma importância menor no total, apesar de representar sempre pelo menos 50% do total investido. Para outros, como Papel e Celulose, Borracha e plástico, Minerais não metálicos e Açúcar e álcool, esse destino supera 75% do total investido.

Apesar da queda da expectativa do investimento em máquinas e equipamentos do setor de Alimento e bebidas, que, conforme foi analisado, ocorreu porque o setor havia investido muito entre 2004 e 2008 e foi o principal investidor em 2010, as inversões continuarão concentradas em grandes setores, conforme tabela a seguir:

Tabela 1 – Investimento em Máquinas e Equipamentos

	2010			2011			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Veículos / Eq.de transporte	17,0	17,0%	17,0%	16,5	18,1%	18,1%	-3,0%
Alimentos e Bebidas	24,6	24,5%	41,6%	15,1	16,6%	34,7%	-38,5%
Metalurgia	12,1	12,1%	53,6%	13,8	15,1%	49,8%	14,2%
Químicos e Farmacêuticos	11,0	10,9%	64,5%	11,1	12,1%	62,0%	1,0%
Máquinas e Equipamentos	8,9	8,9%	73,4%	7,3	8,0%	70,0%	-17,7%
Minerais não metálicos	5,9	5,9%	79,3%	5,7	6,2%	76,2%	-3,6%
Borrachas e Plásticos	5,1	5,1%	84,4%	4,9	5,4%	81,6%	-4,7%
Papel e Celulose	4,1	4,1%	88,5%	4,3	4,7%	86,3%	5,3%
Eletrônicos e Informática	3,0	3,0%	91,5%	3,2	3,5%	89,8%	6,2%
Têxteis e Vestuário	3,1	3,1%	94,6%	3,2	3,5%	93,3%	3,0%
Açúcar e Alcool	2,1	2,1%	96,7%	2,6	2,8%	96,1%	21,8%
Móveis	1,1	1,1%	97,9%	1,5	1,6%	97,8%	29,2%
Couros e Calçados	1,1	1,1%	98,9%	0,9	1,0%	98,8%	-17,1%
Madeira	0,5	0,5%	99,4%	0,6	0,7%	99,5%	28,1%
Edição e Impressão	0,6	0,6%	100%	0,5	0,5%	100%	-12,9%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-Toledo, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

A concentração dos investimentos nos setores de Veículos, Alimentos e bebidas e no setor Metalúrgico é a principal característica do investimento em máquinas e equipamentos. Em 2010 esses setores representaram 53,6% desse tipo de investimento e em 2011 devem permanecer com aproximadamente 50% das inversões.

2.1.2. Gestão

Os investimentos em gestão, os quais são extremamente importantes principalmente para produção mais eficiente, devem se reduzir na mesma proporção que os investimentos em maquinário. De acordo com a pesquisa, se no ano passado foram investidos R\$ 15,5 bilhões em gestão, neste ano essas inversões devem atingir R\$ 14,2 bilhões (redução de 8,2%).

O setor que mais deve reduzir os investimentos em gestão entre 2010 e 2011 deve ser o de Químicos e farmacêuticos, que investiu R\$ 5,4 bilhões no ano passado e esse ano deve investir apenas R\$ 2,0 bilhões (redução de 63,1%). Já os setores de Alimentos e bebidas e Metalurgia devem ampliar seus investimentos em gestão de R\$ 2,6 bilhões para R\$ 3,3 bilhões e de R\$ 1,8 bilhões para R\$ 2,8 bilhões, respectivamente, conforme tabela:

Tabela 2 – Investimento em Gestão

	2010			2011			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e Bebidas	2.63	13,7%	13,7%	3.25	18,2%	18,2%	23,6%
Veículos / Eq.de transporte	3.15	16,4%	30,1%	3.21	17,9%	36,1%	1,9%
Metalurgia	1.76	9,1%	39,3%	2.78	15,5%	51,7%	58,5%
Químicos e Farmacêuticos	5.42	28,2%	67,5%	2.00	11,2%	62,8%	-63,1%
Máquinas e equipamentos	1.95	10,2%	77,6%	1.79	10,0%	72,8%	-8,4%
Eletrônicos e Informática	1.13	5,9%	83,6%	1.23	6,9%	79,6%	8,2%
Papel e Celulose	0.23	1,2%	84,8%	0.82	4,6%	84,2%	251,0%
Minerais não-metálicos	0.35	1,8%	86,6%	0.72	4,0%	88,3%	106,7%
Borrachas e Plásticos	0.46	2,4%	89,0%	0.60	3,3%	91,6%	29,8%
Móveis	0.67	3,5%	92,5%	0.48	2,7%	94,3%	-28,1%
Têxteis e Vestuário	0.52	2,7%	95,2%	0.42	2,3%	96,7%	-19,5%
Couros e Calçados	0.38	2,0%	97,2%	0.33	1,9%	98,5%	-11,6%
Edição e Impressão	0.16	0,8%	98,0%	0.14	0,8%	99,3%	-13,1%
Açúcar e Alcool	0.10	0,5%	98,5%	0.07	0,4%	99,7%	-32,8%
Madeira	0.28	1,5%	100%	0.06	0,3%	100%	-79,3%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-Toledo, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

2.1.3. Inovação

Os investimentos em inovação, seja em produtos ou em processos, devem ser o único dos destinos a apresentar expansão. Segundo a pesquisa, se no ano passado foram investidos R\$ 17,4 bilhões em inovação, em 2011 esses investimentos devem atingir R\$ 20,3 bilhões, o que significa um aumento de 16,6%.

Esses investimentos, conforme analisado, devem aumentar em 2011, pois as empresas se preocuparão bastante com a melhoria na eficiência dos processos produtivos visando reduzir custos de produção e porque, como aumentou significativamente a concorrência com os importados, torna-se necessário diferenciar produtos seja em termos de qualidade ou criando produtos novos capazes de reduzir os custos de produção.

O setor de Alimentos e bebidas destaca-se também por ampliar seus investimentos em inovação, assim como ocorre com o setor de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos. Esses setores devem aumentar seus investimentos nessa área de R\$ 2,5 bilhões para R\$ 4,8 bilhões em 2011 e de R\$ 1,7 bilhão para R\$ 2,2 bilhões respectivamente.

Apenas os setores de Metalurgia e Minerais não metálicos devem reduzir os investimentos em inovação entre 2010 e 2011. O primeiro, a

despeito de ter aumentado os investimentos gerais, devem reduzir os investimentos em inovação de R\$ 2,4 bilhões para R\$ 2,0 bilhões em 2011. Já o setor de minerais não metálicos deve reduzir seu investimento em inovação de R\$ 0,7 bilhão para R\$ 0,4 bilhão em 2011.

Tabela 3 – Investimento em Inovação

	2010			2011			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Químicos e Farmacêuticos	4.20	24,2%	24,2%	5.70	26,1%	26,1%	35,8%
Alimentos e Bebidas	2.49	14,3%	38,5%	4.58	20,9%	47,0%	83,8%
Veículos / Eq. de transporte	3.16	18,2%	56,7%	3.52	16,1%	63,0%	11,3%
Máquinas e Equipamentos	1.70	9,8%	66,5%	2.24	10,2%	73,3%	31,7%
Metalurgia	2.44	14,0%	80,6%	1.99	9,1%	82,4%	-18,5%
Eletrônicos e Informática	0.84	4,8%	85,4%	0.89	4,1%	86,4%	5,5%
Borrachas e Plásticos	0.63	3,6%	89,0%	0.73	3,3%	89,8%	16,4%
Têxteis e Vestuário	0.45	2,6%	91,6%	0.66	3,0%	92,8%	48,0%
Minerais não-metálicos	0.67	3,9%	95,5%	0.39	1,8%	94,5%	-42,5%
Couros e Calçados	0.33	1,9%	97,4%	0.36	1,6%	96,2%	8,9%
Papel e Celulose	0.09	0,5%	97,9%	0.28	1,3%	97,5%	201,9%
Edição e Impressão	0.14	0,8%	98,7%	0.26	1,2%	98,7%	84,6%
Móveis	0.17	1,0%	99,7%	0.20	0,9%	99,6%	21,9%
Madeira	0.05	0,3%	99,9%	0.05	0,2%	99,8%	3,3%
Açúcar e Alcool	0.01	0,1%	100%	0.04	0,2%	100%	250,0%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-Toledo, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

2.1.4. Pesquisa e Desenvolvimento

Para sustentar sua competitividade, assim como são os investimentos em inovação, também são fundamentais os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento e, novamente aqui, o setor de Alimentos e bebidas é o que mais deve ampliar o investimento como parcela do total investido (de R\$ 2,3 bilhões para R\$ 3,9 bilhões – o que significa R\$ 1,6 bilhão a mais), além de ser o setor que mais investirá em P&D no ano de 2011.

Outros setores que devem investir bastante em P&D devem ser os de Químicos e farmacêuticos e Veículos. Esses setores, que investiram R\$ 2,45 bilhões e R\$ 2,13 bilhões em 2010, respectivamente, devem reduzir seus investimentos em 2011 para R\$ 2,38 bilhões e R\$ 1,84 bilhão em 2011, o que está de acordo com a queda da intenção geral da indústria de transformação, que deve ser de R\$ 10,4 bilhões para R\$ 10,2 bilhões, conforme mostrou a análise geral da pesquisa.

Além do setor de Alimentos e bebidas que, conforme visto, deve ampliar seus investimentos, destacam-se também os setores de Eletrônicos e informática e de Papel e celulose, que devem investir R\$ 0,39 bilhão e R\$ 0,20 bilhão em 2011 (ambos aproximadamente 30% a mais do que haviam investido 2010).

Tabela 4 – Investimento em P&D

	2010			2011			Var. % 2010-11
	R\$ bi	Part.	Acum.	R\$ bi	Part.	Acum.	
Alimentos e Bebidas	2,26	18,6%	18,6%	3,87	31,1%	31,1%	71,2%
Químicos e Farmacêuticos	2,45	20,2%	38,8%	2,38	19,1%	50,2%	-3,1%
Veículos / Eq..de transporte	2,13	17,5%	56,3%	1,84	14,8%	65,0%	-13,7%
Máquinas e equipamentos	1,70	13,9%	70,2%	1,74	13,9%	78,9%	2,4%
Metalurgia	1,38	11,4%	81,6%	0,93	7,5%	86,4%	-32,8%
Eletrônicos e Informática	0,30	2,5%	84,0%	0,39	3,2%	89,5%	30,6%
Minerais não-metálicos	0,45	3,7%	87,8%	0,30	2,4%	91,9%	-34,6%
Couros e Calçados	0,29	2,3%	90,1%	0,25	2,0%	94,0%	-10,9%
Papel e Celulose	0,15	1,2%	91,3%	0,20	1,6%	95,5%	29,2%
Têxteis e Vestuário	0,65	5,3%	96,7%	0,17	1,3%	96,9%	-74,4%
Borrachas e Plásticos	0,21	1,7%	98,4%	0,13	1,1%	97,9%	-37,8%
Móveis	0,06	0,5%	98,9%	0,12	0,9%	98,9%	84,0%
Açúcar e Alcool	0,05	0,4%	99,4%	0,08	0,7%	99,5%	54,0%
Edição e Impressão	0,07	0,6%	99,9%	0,04	0,3%	99,8%	-41,3%
Madeira	0,01	0,1%	100%	0,02	0,2%	100%	105,8%

(*) Foram excluídos os setores de Coque, Refino de Petróleo, Fumo, Reciclagem e Diversos devido à restrição amostral

Fontes: Pesquisa FIESP-Toledo, PIA/IBGE, IPA/FGV, PIM/IBGE; Elaboração: Decomtec/FIESP

2.2. Origem dos Recursos

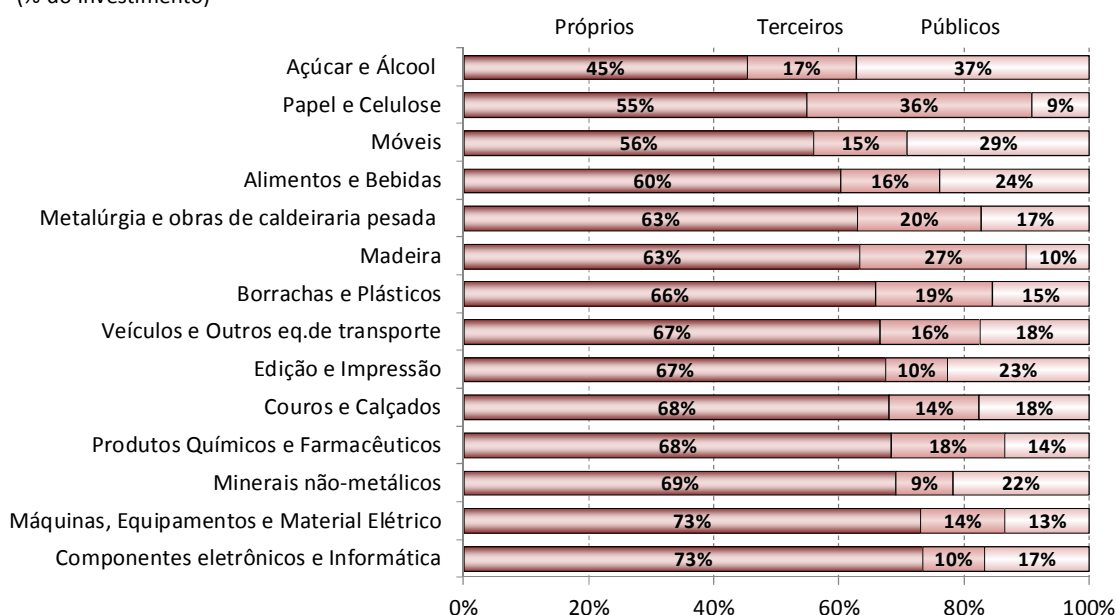
A principal fonte de recursos em 2010 destinado aos investimentos foi, independente do setor, o caixa da própria empresa. De acordo com a pesquisa geral, 65,7% do investimento das empresas foi realizado com recursos próprios, enquanto os recursos privados de terceiros representaram 17,4% e os públicos, 16,8%.

Em 2011, a situação não será diferente: apesar dos recursos próprios terem sua participação reduzida no *funding* das empresas (representará 60,5%), perdendo espaço para os recursos públicos, que devem representar 22,2%, eles ainda serão a principal fonte de recursos.

Não por acaso, independente do setor analisado, o que se terá é uma maior participação dos recursos próprios em relação às demais fontes e, com exceção do setor de Açúcar e álcool, em que esses recursos representam 45% do financiamento, em todos os outros, mais da metade do investimento terá como fonte os recursos da própria empresa, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 3 – Origem dos Recursos

(% do Investimento)



Fonte: Pesquisa H2R-FIESP;
Elaboração: Decomtec/FIESP

Os setores produtores de Máquinas, equipamentos e material elétrico e de Componentes eletrônicos e Informática são os que mais dependerão dos recursos próprios para a realização de investimentos. De acordo com os empresários, esses recursos deverão financiar 73% do investimento desses setores. A parcela de financiamento público para esses setores, por sua vez, não deve ultrapassar 17% do investimento, assim como ocorre também nos setores de Papel e celulose, Metalurgia, Madeira, Borracha e plástico e Químicos.

Vale notar, entretanto, que os setores de Papel e celulose e Madeira, esperam contar com uma parcela relevante de financiamento privado de terceiros. De acordo com o empresariado, 36% do investimento do setor de

Papel e celulose e 27% do investimento do setor de Madeira devem ser realizados com recursos de terceiros.

Dependerão de recursos públicos para investir, além do setor de Açúcar e álcool, principalmente os setores de Móveis, Alimentos e bebidas, Edição e impressão e Minerais não metálicos. A presença de pequenas empresas sem capacidade de conseguir financiamentos alternativos ou de autofinanciar suas inversões são os principais motivos para a dependência dos recursos públicos, conforme a Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento – Análise Geral já havia apontado.

Ocorre, entretanto, que para a maior parte das empresas dos setores de Minerais não metálicos e Edição e impressão, o acesso aos recursos públicos é limitado em função da predominância PMEs. Assim, faz-se necessário a ampliação e a desburocratização dos financiamentos públicos, seja do BNDES ou da FINEP, especialmente para empresas menores e para setores em que empresas menores são predominantes.

3. Estratégias

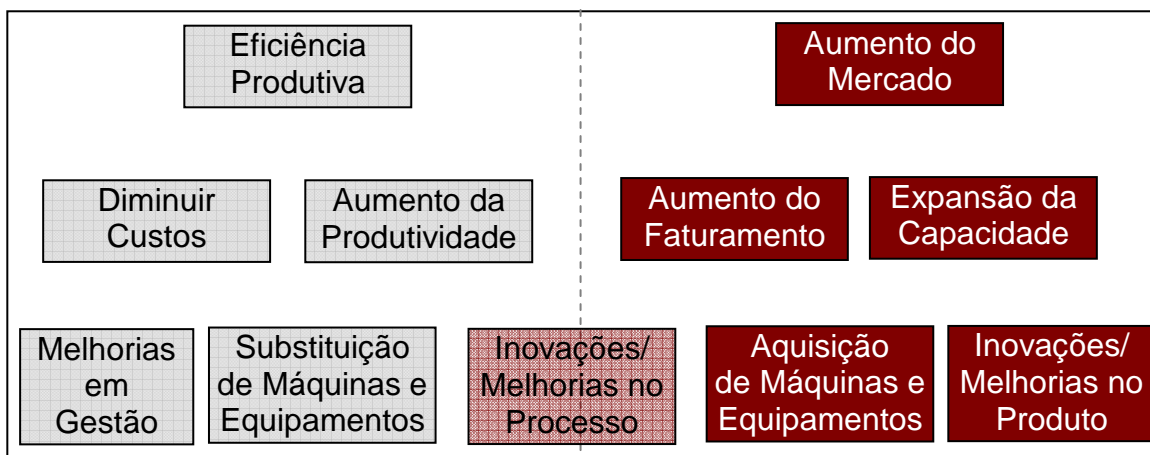
As diferentes estratégias de investimento dos setores são bastante relevantes para definição das políticas setoriais a serem adotadas e das medidas de incentivo às inversões.

Com o objetivo de analisar essas estratégias, verificando setorialmente as principais diferenças entre o investimento realizado em 2010 e a intenção de investir em 2011, a Pesquisa FIESP questionou o empresariado sobre os objetivos, as necessidades e os limitantes do investimento, além dos fatores que contribuiriam para alavancá-lo.

Conforme se verificou na *Pesquisa de Intenção de Investimento – Análise Geral*, duas estratégias básicas distintas marcam a intenção de investir na indústria: uma voltada para eficiência produtiva, na qual a redução de custos e o aumento da produtividade são principais objetivos; e outra voltada para expansão do mercado, na qual os principais objetivos são o aumento do faturamento e da rentabilidade.

A estratégia voltada para a eficiência produtiva depende especialmente de melhorias em gestão e da substituição de máquinas e equipamentos obsoletos, enquanto que a estratégia voltada para o aumento do mercado depende de inovações e melhorias nos produtos e da aquisição de máquinas e equipamentos, conforme estrutura abaixo:

Gráfico 4 – Estrutura das estratégias

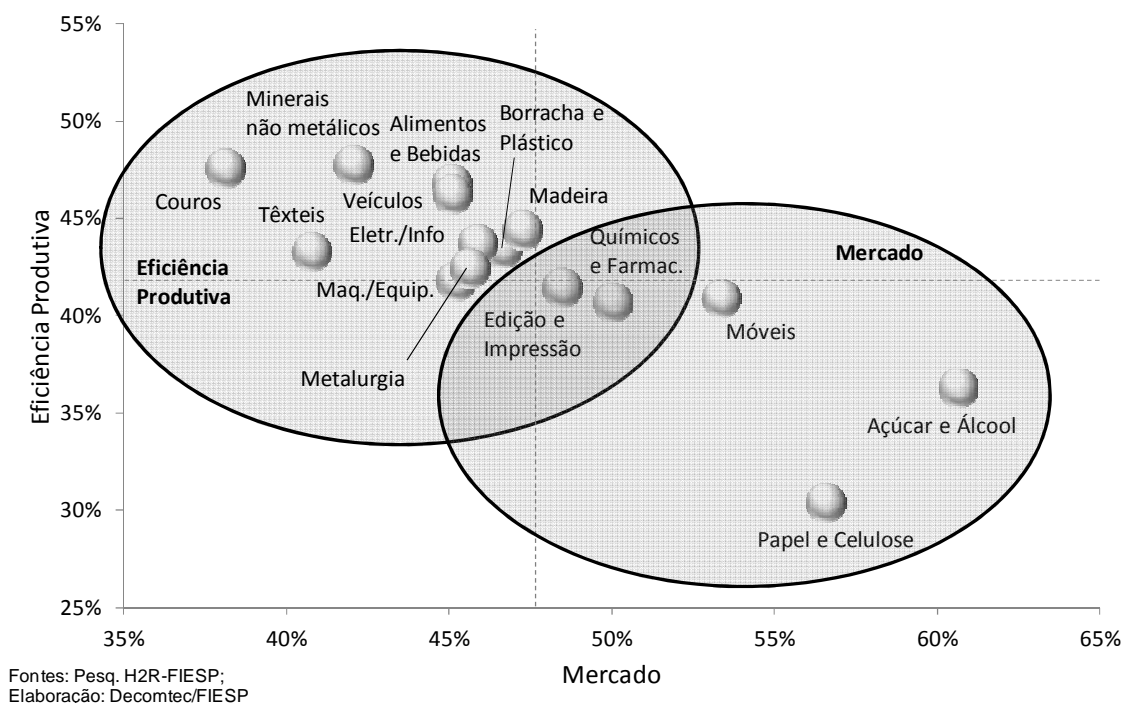


3.1. Eficiência Produtiva X Aumento de Mercado

A tendência geral da economia brasileira – e que pode ser verificada em quase todos os setores individualmente – é a de transição, em 2010, de uma estratégia voltada para ganhos de mercado (ampliação da produção e rentabilidade) em direção a uma estratégia, em 2011, voltada para eficiência produtiva (redução de custos e ajuste de produção).

Se no ano passado, devido à retomada econômica, os setores adotaram estratégias expansivas, neste ano, diante das restrições impostas pela política monetária e pela valorização cambial, a maioria dos setores investirá defensivamente, ou seja, focando na eficiência produtiva. Alguns setores, porém, apresentam estratégias mais ofensivas, voltadas para a expansão de mercado, conforme gráfico:

Gráfico 5 – Objetivos dos Investimentos



Na parte superior à esquerda do gráfico estão os setores cuja estratégia é mais voltada para eficiência produtiva, ou seja, cujos objetivos principais são

o aumento da produtividade, a redução de custo e a adequação do produto para concorrência. Aparece exclusivamente nessa situação a maior parte dos setores: Couros, Minerais não metálicos, Têxteis, Alimentos e bebidas, Veículos, Borracha e plástico, Madeira, Eletrônicos e informática, Máquinas, equipamentos e materiais elétricos e Metalurgia. Porém, conforme pode ser visualizado, isso não significa que esses setores não tenham preocupação com o mercado, apenas predomina a preocupação com a Eficiência Produtiva.

Na parte inferior à direita do gráfico, por sua vez, encontram-se os setores cuja estratégia é predominantemente voltada para a expansão de mercado, ou seja, os setores que têm como objetivo ao investir expandir a produção, aumentar a participação de mercado ou seu faturamento e rentabilidade. Apenas três setores encontram-se exclusivamente nessa situação, são eles: Móveis, Açúcar e álcool e Papel e celulose. Apesar disso, conforme pode ser visualizado, esses setores não deixam de ter uma importante preocupação com a eficiência no processo produtivo.

Vale notar, ainda, que alguns setores apresentam-se em situação que tanto a preocupação com o mercado e quanto a preocupação com a eficiência produtiva são bastante relevantes e não se sobressaem; como é caso dos setores de Químicos e farmacêuticos e de Edição e Impressão. Nesses setores, o aumento do mercado é bastante relevante e, portanto, expandir a produção é uma estratégia importante, mas isso deve ser complementar a uma produção mais eficiente.

Para atender esses objetivos, entretanto, os setores apontam necessidades diferentes. Conforme enunciado no *Gráfico 4*, os setores cujas estratégias são mais voltadas para eficiência produtiva destinam seus investimentos para Melhorias de Gestão e Substituição de Máquinas, enquanto os que tem estratégias voltadas para o mercado focam Inovações e Melhorias de Produtos e Aquisição de Máquinas e Equipamentos.

Com o objetivo de analisar quais são as necessidades apontadas pelos setores, diante das suas estratégias para realização dos investimentos, foram separadas as necessidades dos setores de acordo com a seguinte estrutura:

- Os setores que apontam como necessidades a Substituição de Maquinário obsoleto ou Reformas e Melhorias das Instalações são classificados dentro de Modernização da Produção;

- Os setores que apresentam como necessidades a Aquisição de Máquinas e Equipamentos ou Aumento da planta industrial são classificados como Aumento da Capacidade.

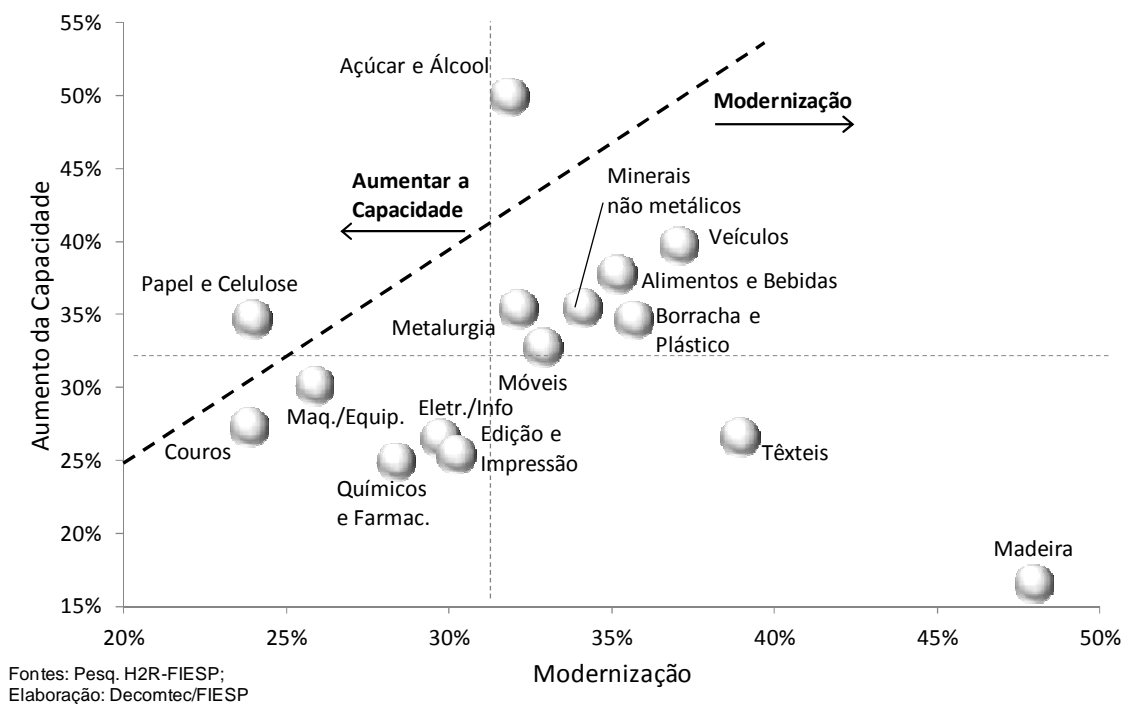
Na análise sobre como realizarão esses investimentos, por sua vez, os setores que apresentam como necessidades:

- Melhorias de Gestão ou Inovações e Melhorias de Processos, as quais são classificados dentro de Processos;
- Finalmente, os setores que apontam Inovações ou melhorias de produtos ou Desenvolvimento de novos Produtos são classificados dentro de Produtos.

3.2. Modernização da Produção X Aumento da Capacidade

Com relação à oposição entre os investimentos voltados para Modernização da Produção e os investimentos destinados ao Aumento da Capacidade, os setores se distribuem da seguinte forma:

Gráfico 6 – Modernização da Produção X Aumento da Capacidade



Os setores que mais se destacam no sentido do aumento da capacidade produtiva são: Açúcar e álcool e Papel e celulose. Essas indústrias, além de serem as que mais ampliarão seus investimentos, são as que se apresentam em contraposição as demais, pois são as únicas que investem voltando-se mais para o mercado do que para eficiência produtiva. Pode se dizer, que esses setores, beneficiados pelos recursos naturais, não devem ser prejudicados pelo ambiente sistêmico adverso aos investimentos.

Em contraposição, a necessidade de modernização da produção se destaca na maioria dos setores, o que reflete as expectativas de redução de mercado e, em especial, o ambiente sistêmico adverso esperado para 2011 diante do aumento dos juros e da valorização cambial.

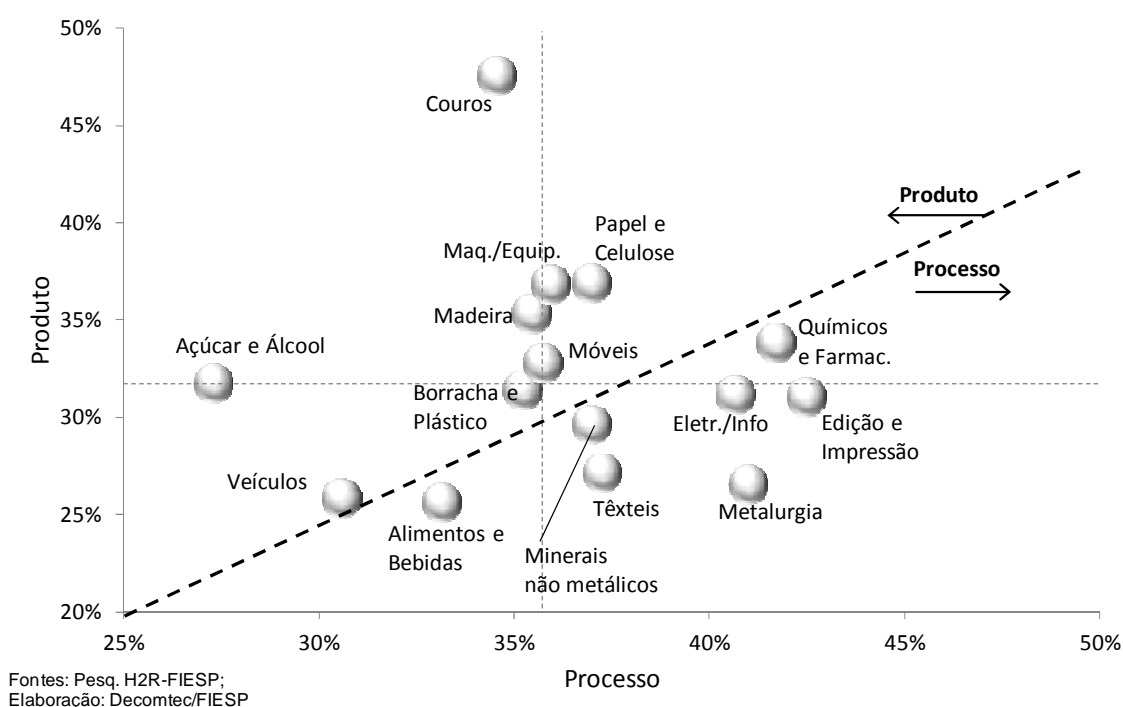
3.3. Inovações e Melhorias: Produto X Processo

Com relação à oposição das inversões destinadas à melhoria nos processos produtivos (que incluem os investimentos em gestão) e das inversões destinadas às inovações, melhorias e desenvolvimento de produtos, os setores se distribuem também de forma heterogênea, porém, com predominância para os investimentos destinados à melhoria nos processos de produção.

Destacam-se os setores de Açúcar e álcool e de Couro e calçados, que apresentam uma preocupação relativamente maior com o produto. No primeiro caso, como seu investimento será quase que predominantemente para ampliação do mercado, tanto os investimentos em processos, quanto em produtos é relativamente baixo se comparado aos investimentos em aumento da produção. No caso de Couros e calçados, diante da pressão que o setor sofre na concorrência com importados, a diferenciação do produto é a única opção, pois a concorrência dos produtos importados via preço tem se mostrado cada vez mais ineficaz. Assim, a busca por processos mais baratos tem tido menor foco se comparado à busca pelo desenvolvimento de novos produtos.

Além desses setores, apresentam preocupação com a produção e desenvolvimento de novos produtos os setores de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos, Papel e celulose, Madeira, Veículos, Borracha e plástico e Móveis. Apesar de não se destacarem tanto quanto Couros e Açúcar e álcool, as características desses setores colocam como principal possibilidade à ampliação de sua competitividade nacional e internacional a produção de produtos diferenciados e, especialmente no caso de Máquinas, equipamentos e materiais elétricos, de uso específico por outros setores.

Gráfico 7 – Produto X Processo



Outros setores, entretanto, devem investir com foco na melhoria de processos e de gestão. Destacam-se os setores de Edição e Impressão, Metalurgia, Eletrônicos e informática e Químicos e farmacêuticos, além dos setores de Alimentos e bebidas, Minerais não metálicos e Têxtil e vestuário. Num contexto em que a concorrência por preço se faz cada vez mais presente, diante da maior penetração dos produtos importados, esses setores se destacam dos demais, preocupando-se em investir na produção mais eficiente e, portanto, o investimento em melhores processos produtivos é fundamental.

3.4. Estratégias dos setores

A matriz abaixo sintetiza as estratégias dos setores, permitindo-os agrupar de acordo com seus principais objetivos e necessidades:

Tabela 2 – Matriz de Estratégias dos Setores

		Eficiência Produtiva	Mercado
Modernização da Produção	Produtos	Couros, Máquinas e Equipamentos, Madeira, Veículos, Borracha e Plástico	Móveis
	Processos / Gestão	Alimentos e Bebidas, Metalurgia, Eletrônicos e Informática, Têxtil e Vestuário	Químicos*, Edição e Impressão*
Aumento da Capacidade	Produtos		Papel e Celulose, Açúcar e Álcool
	Processos / Gestão		

(*) Os setores de Químicos e Edição e impressão estão conjuntamente em mercado e eficiência produtiva
Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo; Elaboração: Decomtec/FIESP

Há duas estratégias predominantes em 2011: a de modernização da produção a fim de obter melhor eficiência produtiva por meio de melhores produtos e outra que pretende fazê-lo por meio de melhores processos. Ambas, por sua vez, são estratégias defensivas.

Os setores de Couros, Máquinas e equipamentos, Madeira, Veículos, Borracha e plástico pretendem investir se preocupando com o desenvolvimento de melhores produto. Esses setores percebem que para se produzir a menores custos é necessário desenvolver novos produtos ou melhorar os já produzidos.

Já os setores de Alimentos e bebidas, Metalurgia, Eletrônicos e informática e Têxtil e vestuário investirão focando processos produtivos mais eficientes. Esses setores percebem que somente com uma produção mais barata é que poderão concorrer no Brasil e no exterior.

Além desses grupos, cinco setores apresentam estratégias distintas:

- O setor de **Móveis** investirá na inovação e melhoria dos produtos por meio da modernização de seu maquinário a fim de expandir seu mercado. Vale notar, entretanto, que esse setor é um dos que menos devem investir como parcela do faturamento.
- Já os setores de **Químicos e Edição e impressão** pretendem modernizar sua produção com foco tanto na expansão do mercado quanto na eficiência. Para isso, deve predominar a busca por melhores processos. Esses setores percebem a necessidade de suprir uma demanda crescente, mas se diferenciam pela maior preocupação com uma produção eficiente.
- Finalmente, os setores de **Papel e celulose e Açúcar e álcool** têm uma estratégia bastante distinta dos demais: esses setores visam aumentar seu mercado inovando seus produtos e, para isso, devem ampliar seu parque produtivo. Esses setores, ao contrário dos demais, percebem uma expansão da demanda e, por isso, devem investir com foco na ampliação produtiva e na melhoria dos produtos para concorrer tanto nacional, quanto internacionalmente.

3.5. Limitantes ao investimento

Apesar de apresentar diferenças claras nas estratégias, todos os setores, com exceção de Açúcar e álcool, têm como principal limitante aos investimentos a carga tributária. Os tributos, na medida em que reduzem o consumo, diminuindo as expectativas de vendas, e retiram recursos que poderiam ser investidos, acabam limitando a ampliação da capacidade de produção da indústria e comprometem o crescimento econômico. Além disso, a maior parte dos setores apresenta como segundo maior limitante a Taxa de juros SELIC, ao passo que essa restringe a expansão da demanda e encarece o crédito.

Além da carga tributária e dos juros SELIC, que já são fatores estruturais da economia brasileira, conforme foi analisado na *Pesquisa FIESP de Intenção de Investimento – Análise Geral*, outros fatores limitam os investimentos, conforme apontam os setores. A matriz abaixo demonstra o principal limitante aos investimentos (excluindo a carga e a taxa de juros SELIC) para cada setor:

Tabela 3 – Principal limitante ao investimento (excl... Carga e Juros*)

Perda de mercado para importados	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	Falta ou limitação de recursos próprios
Borracha e Plástico Couros Eletrônicos e Informática Madeira Máq. e Equipamentos Metalurgia Têxtil e Vestuário	Açúcar e álcool Alimentos e Bebidas Edição e Impressão Papel e Celulose Químicos	Móveis Minerais não metálicos Veículos

(*) Excluindo-se carga tributária e taxa de juros SELIC, que são os dois principais limitantes para quase todos os setores

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo; Elaboração: Decomtec/FIESP

Diante desse quadro, independente do setor, o principal fator que incentivaria novos investimentos seria uma redução da taxa de juros SELIC e da carga tributária. Além disso, como a perda de mercado para importados e a expectativa de baixo retorno são os principais limitantes, os outros dois fatores que contribuiriam para ampliação das inversões seriam o aumento da taxa de crescimento econômico, a melhoria dos mecanismos de proteção e defesa comercial junto a importações e o aumento da taxa de câmbio.

Esses fatores, que muitas vezes estão até inter-relacionados, são, portanto, a base para o crescimento equilibrado de longo prazo da economia, garantindo níveis de investimento elevados, os quais são essenciais para que a economia retome o ciclo virtuoso de crescimento sem pressões inflacionárias verificado nos anos anteriores à crise e no ano de 2010. Somente por meio do investimento é que a economia brasileira será capaz de superar as restrições impostas à sua expansão.

Anexos

Tabela 4 – Principais Estratégias de Açúcar e álcool

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010*							
2011							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	82%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	55%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	55%	Diminuição da Taxa SELIC	55%
Diminuir os Custos	64%	Aumentar a planta industrial	45%	Carga tributária elevada	36%	Diminuição da Carga Tributária	45%
Aumentar participação de mercado	55%	Desenvolvimento de novos produtos	36%	Aumento da taxa de juros SELIC	36%	Aumento da taxa de crescimento	27%

(*) Em 2010 o setor de Açúcar e álcool foi apresentado em conjunto com o setor de Alimentos e bebidas

Fonte: Pesquisa FIESPH2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 5 – Principais Estratégias de Alimentos e bebidas

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	68%	Reforma e melhoria das instalações	48%	Carga tributária elevada	71%	Diminuição da Carga Tributária	59%
Aumentar participação de mercado	51%	Substituição de Máquinas obsoletas	38%	Baixa taxa de crescimento da economia	33%	Diminuição da Taxa SELIC	44%
Diminuir os Custos	49%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	35%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	33%	Aumento da taxa de crescimento	27%
2011							
Diminuir os Custos	73%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	50%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Taxa SELIC	55%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	54%	Reforma e melhoria das instalações	38%	Aumento da taxa de juros SELIC	51%	Diminuição da Carga Tributária	45%
Aumentar a produtividade	45%	Melhorias em gestão	34%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	30%	Menores exigências bancárias	27%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 6 – Principais Estratégias de Borracha e plástico

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	66%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	41%	Carga tributária elevada	70%	Diminuição da Carga Tributária	65%
Aumentar a produtividade	55%	Substituição de Máquinas obsoletas	40%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	35%	Diminuição da Taxa SELIC	38%
Diminuir os Custos	52%	Reforma e melhoria das instalações	36%	Baixa taxa de crescimento da economia	32%	Aumento da taxa de crescimento	31%
2011							
Aumentar a produtividade	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	45%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	60%
Expandir a capacidade de produção	51%	Substituição de Máquinas obsoletas	37%	Aumento da taxa de juros SELIC	38%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em processos	36%	Perda de mercado para importados	33%	Aumento da taxa de crescimento	21%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 7 – Principais Estratégias de Couros

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	68%	Melhorias em gestão	59%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	74%
Aumentar participação de mercado	62%	Inovação ou melhoria em produtos	44%	Aumento da taxa de juros SELIC	29%	Aumento da taxa de crescimento	32%
Diminuir os Custos	44%	Desenvolvimento de novos produtos	35%	Perda de mercado para importados	26%	Diminuição da Taxa SELIC	29%
2011							
Diminuir os Custos	74%	Inovação ou melhoria em produtos	48%	Carga tributária elevada	71%	Diminuição da Carga Tributária	60%
Aumentar participação de mercado	45%	Desenvolvimento de novos produtos	46%	Aumento da taxa de juros SELIC	48%	Diminuição da Taxa SELIC	36%
Aumentar a produtividade	43%	Melhorias em gestão	40%	Perda de mercado para importados	43%	Aumento da taxa de crescimento	29%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 8 – Principais Estratégias de Edição e impressão

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	60%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	51%	Carga tributária elevada	61%	Diminuição da Carga Tributária	61%
Diminuir os Custos	57%	Melhorias em gestão	40%	Baixa taxa de crescimento da economia	47%	Aumento da taxa de crescimento	44%
Aumentar a produtividade	40%	Inovação ou melhoria em processos	33%	Falta de recursos próprios	36%	Diminuição da Taxa SELIC	27%
2011							
Diminuir os Custos	62%	Melhorias em gestão	51%	Carga tributária elevada	68%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	42%	Aumento da taxa de juros SELIC	42%	Diminuição da Taxa SELIC	57%
Aumentar a participação de mercado	53%	Inovação ou melhoria em processos	34%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	36%	Aumento da taxa de crescimento	23%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 9 – Principais Estratégias de Eletrônicos, informática e comunicação

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	63%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	57%	Carga tributária elevada	70%	Diminuição da Carga Tributária	74%
Aumentar a participação de mercado	52%	Melhorias em gestão	48%	Baixa taxa de crescimento da economia	39%	Aumento da taxa de crescimento	37%
Diminuir os Custos	43%	Inovação ou melhoria em processos	43%	Falta de recursos próprios	39%	Diminuição da Taxa SELIC	30%
2011							
Diminuir os Custos	56%	Inovação ou melhoria em processos	50%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	53%
Aumentar a produtividade	50%	Inovação ou melhoria em produtos	34%	Perda de mercado para importados	38%	Diminuição da Taxa SELIC	44%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	50%	Reforma e melhoria nas instalações	34%	Baixa taxa de crescimento da economia	28%	Menores exigências bancárias	25%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 10 – Principais Estratégias de Madeira

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	82%	Melhorias em gestão	53%	Carga tributária elevada	76%	Diminuição da Carga Tributária	76%
Diminuir os Custos	65%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	47%	Baixa taxa de crescimento da economia	41%	Aumento da taxa de crescimento	49%
Aumentar a produtividade	59%	Desenvolvimento de novos produtos	47%	Valorização cambial	35%	Diminuição da Taxa SELIC	27%
2011							
Diminuir os Custos	62%	Substituição de máquinas obsoletas	54%	Carga tributária elevada	67%	Diminuição da Carga Tributária	58%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Reformas e melhorias nas instalações	42%	Aumento da taxa de juros SELIC	46%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Aumentar a produtividade	53%	Desenvolvimento de novos produtos	42%	Perda de mercado para importados	25%	Aumento da taxa de crescimento	21%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 11 – Principais Estratégias de Máquinas, Equipamentos e Mat. Elétrico

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	57%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	47%	Carga tributária elevada	61%	Diminuição da Carga Tributária	63%
Aumentar a participação de mercado	52%	Melhorias em gestão	36%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	37%	Aumento da taxa de crescimento	33%
Diminuir os Custos	48%	Inovação ou melhoria em processos	35%	Baixa taxa de crescimento da economia	34%	Diminuição da Taxa SELIC	33%
2011							
Aumentar a produtividade	51%	Inovação ou melhoria em produtos	43%	Carga tributária elevada	70%	Diminuição da Carga Tributária	55%
Diminuir os Custos	49%	Inovação ou melhoria em processos	38%	Aumento da taxa de juros SELIC	40%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Expandir a capacidade de produção	49%	Melhorias em gestão	34%	Perda de mercado para importados	31%	Aumento da taxa de câmbio	19%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 12 – Principais Estratégias de Metalurgia

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	60%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	48%	Carga tributária elevada	66%	Diminuição da Carga Tributária	64%
Diminuir os Custos	54%	Melhorias em gestão	40%	Baixa taxa de crescimento da economia	36%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Aumentar a produtividade	47%	Inovação ou melhoria em processos	35%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	31%	Aumento da taxa de crescimento	37%
2011							
Diminuir os Custos	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	45%	Carga tributária elevada	73%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar a produtividade	53%	Melhorias em gestão	45%	Aumento da taxa de juros SELIC	42%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Expandir a capacidade de produção	46%	Inovação ou melhoria em processos	36%	Perda de mercado para importados	35%	Aumento da taxa de crescimento	20%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 13 – Principais Estratégias de Minerais não metálicos

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Diminuir os Custos	65%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	45%	Carga tributária elevada	69%	Diminuição da Carga Tributária	67%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	51%	Substituição de maquinário obsoleto	41%	Aumento da taxa de juros SELIC	35%	Diminuição da Taxa SELIC	43%
Aumentar a participação de mercado	49%	Inovação ou melhoria em processos	35%	Baixa taxa de crescimento da economia	27%	Aumento da taxa de crescimento	31%
2011							
Diminuir os Custos	64%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	49%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	64%
Aumentar a produtividade	55%	Melhorias em gestão	39%	Aumento da taxa de juros SELIC	46%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	49%	Substituição de maquinário obsoleto	38%	Falta de recursos próprios	28%	Aumento da taxa de crescimento	20%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 14 – Principais Estratégias de Móveis

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	66%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	54%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	69%
Expandir a capacidade de produção	66%	Reformas e Melhoria das Instalações	43%	Aumento da taxa de juros SELIC	43%	Diminuição da Taxa SELIC	40%
Aumentar a participação de mercado	49%	Inovação ou melhoria em produtos	34%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	34%	Aumento da taxa de crescimento	34%
2011							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	57%	Melhorias em gestão	49%	Carga tributária elevada	94%	Diminuição da Carga Tributária	63%
Aumentar a participação de mercado	51%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	40%	Aumento da taxa de juros SELIC	57%	Diminuição da Taxa SELIC	60%
Expandir a capacidade de produção	51%	Desenvolvimento de novos produtos	34%	Falta de recursos próprios	23%	Aumento da taxa de crescimento	23%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 15 – Principais Estratégias de Papel e Celulose

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	61%	Inovação ou melhoria em produtos	53%	Carga tributária elevada	66%	Diminuição da Carga Tributária	71%
Aumentar a participação de mercado	55%	Substituição de maquinário obsoleto	45%	Aumento da taxa de juros SELIC	37%	Aumento da taxa de crescimento	53%
Aumentar a Produtividade	50%	Melhorias em gestão	42%	Baixa taxa de crescimento da economia	37%	Diminuição da Taxa SELIC	29%
2011							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	65%	Inovação ou melhoria em produtos	46%	Carga tributária elevada	83%	Diminuição da Carga Tributária	74%
Aumentar a participação de mercado	52%	Melhorias em gestão	46%	Aumento da taxa de juros SELIC	57%	Aumento da taxa de crescimento	52%
Expandir a capacidade de produção	52%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	39%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	26%	Aumento da taxa de câmbio	17%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 16 – Principais Estratégias de Produtos Químicos

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar a participação de mercado	58%	Desenvolvimento de novos produtos	42%	Carga tributária elevada	68%	Diminuição da Carga Tributária	70%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	56%	Inovação ou melhoria em produtos	38%	Baixa taxa de crescimento da economia	42%	Diminuição da Taxa SELIC	41%
Aumentar a Produtividade	45%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	36%	Aumento da taxa de juros SELIC	33%	Aumento da taxa de crescimento	30%
2011							
Aumentar a participação de mercado	54%	Melhorias em gestão	43%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	62%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	53%	Inovação ou melhoria em processos	40%	Aumento da taxa de juros SELIC	31%	Diminuição da Taxa SELIC	34%
Diminuir os Custos	50%	Inovação ou melhoria em produtos	38%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	30%	Aumento da taxa de crescimento	28%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 17 – Principais Estratégias de Produtos Têxteis

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar a participação de mercado	58%	Desenvolvimento de novos produtos	42%	Carga tributária elevada	70%	Diminuição da Carga Tributária	68%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	56%	Inovação ou melhoria em produtos	38%	Expectativa de baixo retorno / rentabilidade	38%	Diminuição da Taxa SELIC	32%
Aumentar a Produtividade	45%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	36%	Baixa taxa de crescimento da economia	33%	Aumento da taxa de crescimento	26%
2011							
Diminuir os Custos	54%	Substituição de maquinário obsoleto	39%	Carga tributária elevada	72%	Diminuição da Carga Tributária	58%
Aumentar a Produtividade	51%	Reformas e Melhoria das Instalações	39%	Perda de mercado para importados	37%	Diminuição da Taxa SELIC	46%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	44%	Melhorias em gestão	38%	Falta de Recursos Próprios	31%	Melhora na defesa comercial	21%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 18 – Principais Estratégias de Veículos / Equipamentos de Transporte

Objetivos		Necessidades		Limitantes		Contribuiria	
2010							
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	56%	Inovação ou melhoria em produtos	44%	Carga tributária elevada	69%	Diminuição da Carga Tributária	63%
Aumentar a participação de mercado	4%	Inovação ou melhoria em processos	44%	Baixa taxa de crescimento da economia	46%	Diminuição da Taxa SELIC	39%
Diminuir os Custos	51%	Melhorias em gestão	38%	Falta de Recursos Próprios	34%	Aumento da taxa de crescimento	29%
2011							
Diminuir os Custos	56%	Aquisição de Máquinas e Equipamentos	61%	Carga tributária elevada	74%	Diminuição da Carga Tributária	57%
Aumentar o Faturamento/ Rentabilidade	4%	Substituição de maquinário obsoleto	37%	Aumento da taxa de juros SELIC	48%	Diminuição da Taxa SELIC	44%
Aumentar a Produtividade	51%	Reformas e Melhoria das Instalações	37%	Falta de Recursos Próprios	33%	Menores exigências bancárias	24%

Fonte: Pesquisa FIESP-Toledo e Pesquisa FIESP-H2R; Elaboração: Decomtec/FIESP

Tabela 19 – Compatibilização dos setores com a CNAE 2.0 (IBGE)

Setor	Classificação CNAE 2.0 (IBGE)
Açúcar e álcool	10.7 e 19.3
Alimentos e bebidas	10 (excl. 10.7) e 11
Borrachas e plásticos	22
Couros e calçados	15
Edição e impressão	18
Eletrônicos, informática e comunicação	26
Madeira	16
Máquinas, equipamentos e material elétrico	27 e 28
Metalurgia e obras de caldeiraria pesada	24 e 25
Minerais não metálicos	23
Móveis	31
Papel e celulose	17
Químicos e farmacêuticos	20 e 21
Têxteis e vestuário	13 e 14
Veículos / Outros Equipamentos de transporte	29 e 30
Não classificados / Amostra insuficiente	12, 19 (excl.. 19.3), 32 e 33

Elaboração: Decomtec/FIESP